

A taberna: usos do espaço e do tempo *

Dulce Maria Magalhães

Resumo: No presente artigo dá-se conta do início do estudo de *usos do espaço e do tempo* que resultam da frequência e consumos característicos da e na taberna. Desta fonia, apresenta-se com particular interesse a forma como, no mesmo espaço, se concretizam apropriações várias, consonantes com tempos de usos específicos e articulados de forma (bem ?) orquestrada com o desenrolar *espontâneo* (?) de tipos de sociabilidades com que o quotidiano patenteia os agentes sociais.

1. Introdução

Existindo desigualdades entre os indivíduos, e "constituindo-se estes em *agrupamentos* que se revestem de características e comportamentos diferentes" \ é suposto apresentarem pré-disposições também diferentes no que respeita às suas práticas sociais quotidianas — referimo-nos às especificamente inerentes ao consumo propriamente dito, ao modo de consumir, ao local onde se consome e à ocasião/tempo em que se consome. É então dentro deste leque a que chamamos práticas sociais, no sentido de produções quotidianas, que iremos abordar os consumos, não na sua totalidade, mas

* Este artigo tem por base a comunicação apresentada às «V Jornadas Transmontanas de Alcoologia», organizado em Moncorvo, pelo Centro de Saúde de Moncorvo, Sub-Região de Bragança e Centro Regional de Alcoologia do Porto, de 10 a 11 de Março de 1995.

¹ DULCE MAGALHÃES, *Diferenciações Sociais entre Práticas Alimentares*, Provas de Aptidão Pedagógica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, p. 2, polycopiado.

particularmente os consumos que, a pretexto ou não do vinho, resultam da frequência da taberna. Aqui, tudo o indica, há produções quotidianas e activas de normas e expressões culturais próprias². Privilegiaremos, então, na nossa abordagem determinados tipos de sociabilidades associadas ao consumo na taberna, com toda a carga simbólica e representativa passível de daí advir. Por conseguinte, adquire aqui alguma centralidade a *informalidade* de papéis sociais visíveis, assumidos e capitalizados num espaço específico, condicionados ou mesmo determinados, por outras variáveis tais como sexo, posição no sistema de produção e vida familiar, entre outras. Saliente-se que as "práticas organizam-se num sistema de relações sociais que é analisado como uma favorável adaptação aos constrangimentos"³. Segundo Catherine Paradeise, estamos pois perante um determinado *modo de vida* onde se desenha um conjunto de práticas que passam, inclusivamente, por uma escolha de parceiros não alheia às "afinidades electivas", condizentes e emergentes com e nesse mesmo modo de vida.

Neste contexto realçaríamos, portanto, a pertinência do tipo de sociabilidade enquanto "resposta a uma necessidade vital"⁴. Referimo-nos a sociabilidades informais, que contudo, não deixam de ter subjacente especificidades tais como sexo — variável que adquire quase uma determinação central nestes espaços de cariz tradicional e que traduz uma tendência absentista do homem no espaço doméstico⁵, por oposição à sua frequência em espaços públicos, alguns dos quais, com presença masculina fortemente acentuada, senão mesmo (quase) exclusiva, sendo a taberna um exemplo por excelência⁶ —, idade — a sua relevância vai adquirindo alguma visibilidade neste espaço particular e nos dias de hoje, dadas demarcações percebidas a nível de posturas e necessidades relacionais entre outras —, e inserção no sistema de produção — variável de interesse dadas as *ondas* de gentes que, de uma forma descontínua e pela sua frequência cíclica,

² J. Machado Pais levanta esta problemática, embora em outro contexto: jovens, culturas e quotidianos juvenis. Cfr. J. MACHADO PAIS, "Lazeres e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica", in *Análise Social*, n.º 108-109, 1990, p. 592.

³ CATHERINE PARADEISE, "Sociabilité et culture de classe", in *Revue Française de Sociologie*, vol. XXI, Paris, 1980, p. 571.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 574.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 576.

⁶ J. Machado Pais, ao estudar "várias práticas culturais juvenis em diferentes comunidades", refere precisamente esta situação enquanto "modo de vida" ainda hoje (re)produzido nas tabernas e no «Café Tourada» de «Rio Cinza». Cfr. J. MACHADO PAIS, *c/7.*, pp. 592, 612 e 613.

demarcam no mesmo espaço diferentes ritmos e tempos de uso também diferentes.

Tudo isto se articula com origens sociais e trajectórias sociais, já que a diferença (social, económica e cultural) é marcadamente visível no tecido social, facto a que não serão alheios nem os consumos sociais nem locais preferenciais de consumo.

Dá a centralidade colocada no estudo dos **usos do espaço e do tempo** que, a propósito ou não do vinho, são levados a cabo na taberna. Como refere A. Teixeira Fernandes, "(•••) não há espaço sem marcas de tempo. (...) abordar o espaço social é (...) estudar a forma como a natureza (...) condiciona os sistemas de interacção. (...) o conceito de espaço social é actualmente utilizado em sociologia para designar sobretudo o campo de inter-relações sociais. Todo o sistema de relações se inscreve num espaço em que se associam estreitamente o lugar, o social e o cultural" ⁷.

Desta forma, e nesta fase, fizemos incidir os nossos objectivos em três pontos particulares: i) perceber as diversas apropriações que se fazem na taberna, passíveis de se traduzirem em lógicas simbólico-comportamentais, senão distintivas pelo menos distintas umas das outras; ii) analisar as sociabilidades daí resultantes, que a pretexto de uma forma de consumir, são passíveis de se estabelecer em função de tempos diferentes; iii) apreender uma das vertentes do quotidiano social a partir das práticas de frequência da taberna ⁸.

Se no imaginário colectivo o vinho preside às práticas sociais que legitimam a taberna, ir-nos-emos então debruçar particularmente sobre a sua vertente social.

Para finalizar esta breve introdução diríamos que o que aqui se apresenta deriva essencialmente de uma técnica de análise — observação directa. Accionou-se ainda, embora de forma menos intensa mas articulada com a primeira, a técnica de entrevista.

⁷ A. TEIXEIRA FERNANDES, "Espaço social e suas representações", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n.º 2, 1992, pp. 61 e 62. Ainda sobre este assunto regista Pierre Bourdieu: "Falar de um espaço social, é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer a outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo económicas e culturais", PIERRE BOURDIEU, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, p. 138.

⁸ Sobre a pertinência da dimensão do quotidiano na taberna, redes de relações, relações mediadoras, protagonismos e dinamismos tabernais, entre outros, vd. PEDRO DE ANDRADE, "A taberna mediática, local reticular de negociações sociais e sociológicas", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 33, Outubro 1991, pp. 265-286.

Abertura à conceptualização

Partindo do princípio de que os consumos são atravessados por diferenças de classe, questionaríamos o seguinte: serão os consumidores da taberna tendencialmente semelhantes do ponto de vista da partilha de idênticas práticas de consumo, ou, pelo contrário, cabem nesse espaço grupos sociais diferentes, marcando e mantendo clivagens e distâncias sociais entre si?

Com isto, está subjacente a importância da paridade *versus* distância social entre os agentes sociais — por outras palavras, a oposição da "semelhança do «nós» à diferença do «eles»⁹ —, apreendida através da exteriorização de práticas comportamentais distintas. E daqui derivam outras questões também básicas nesta pesquisa, como por exemplo, e entre outras, como se justifica(m) a(s) frequência(s) da taberna?¹⁰

Não iremos aqui fazer referência ao consumo excessivo do vinho — bem de consumo sem o qual a taberna não existiria. Não vamos, portanto, enveredar pela apologia ou não do consumo do álcool, muito embora, por outro lado, seja um lugar comum os efeitos benéficos que, pelo menos em termos de representações sociais, o consumo moderado do álcool, pode exercer no organismo, nomeadamente às refeições. A este propósito, chamaríamos a atenção para o enaltecimento das propriedades do vinho pro-

⁹ A. TEIXEIRA FERNANDES, "Poder local e democracia", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n.º 2, 1992, p. 51. Outros autores defendem também esta ideia de proximidade *versus* distância social que não raro adquire alguma centralidade na sua teoria de base; desses destacamos, dada a sua profícua obra, Pierre Bourdieu e Max Weber.

¹⁰ Como já referimos noutra contexto, em termos teóricos dá-nos um contributo inestimável o conceito de *habitus de classe*, bem como o de itinerário social dos indivíduos repercutido nos efeitos de trajetória social. Cfr. DULCE MAGALHÃES, *Classes Sociais e Trajetórias Intergeracionais*, Provas de Capacidade Científica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, pp. 92 e 93, policopiado. A este propósito veja-se o que refere Pierre Bourdieu: "Para compreender todas as implicações da noção de *habitus* (...) eu gostaria de analisar as relações entre o *habitus* — sistemas de disposição socialmente constituídos — e os campos sociais. Nesta lógica, a prática poderia ser definida como o resultado do aparecimento de um *habitus*, sinal incorporado de uma trajetória social, capaz de opor uma inércia maior ou menor às forças sociais, e de um campo social funcionando, neste aspecto, como um espaço de obrigações (violências) que quase sempre possuem a propriedade de operar com a cumplicidade de *habitus* sobre o qual se exercem". PIERRE BOURDIEU, *Travaux et Projets*, 1980, reproduzido em Renato Ortiz (org.) *Pierre Bourdieu*, São Paulo, Ática, 1983, p. 45.

pagadas de formas diversas, desde a Mitologia Grega à Bíblia, e já nos tempos actuais pelos nutricionistas, não mencionando o cidadão comum que, porque gosta do vinho, todo o motivo é motivo para justificar o seu consumo, não tomando consciência sequer que o gosto é uma construção social ¹¹. Contudo, como veremos adiante, ao elegermos como palco de estudo a taberna ultrapassámos em larga medida o mero consumo de vinho.

Antes porém, valeria a pena lembrar que o vinho é um bem cujo consumo se insere num âmbito muito mais alargado: o da alimentação.

Neste contexto, ocorre dizer que a "a alimentação reporta-se a um campo extremamente vasto do social, pois extravaza em muito a mera necessidade fisiológica. Parecendo um terreno por excelência da negação do social, reencontram-se, no entanto, nas práticas alimentares, a incontornável matriz das distinções sociais. Desta forma, desde a primeira infância, através do *trabalho pedagógico familiar* ¹² vai-se construindo uma matriz alimentar de origem, conjuntamente com outros padrões culturais, que se traduz num determinado estilo alimentar, inscrito, ele próprio, no estilo de vida do grupo/classe de família de indivíduo" ¹³. Em consequência, a presença ou ausência do vinho fará parte integrante do estilo alimentar que procede, não raro, à infância.

E se é verdade que o estilo alimentar traduz uma história familiar, também não será menos verdade a sua tradução numa história social, uma vez que está presente a particularidade da estrutura económica, social e cultural em que emergem os diferentes grupos sociais em foco.

Assim, é neste sentido que se torna necessário fazer "referência à evolução sócio-económica de que são palco as sociedades modernas, uma vez que reflectem transformações significativas quer a nível do progresso téc-

¹¹ Caberia aqui destrinçar o gosto necessidade do gosto luxo, oposição de que nos dá conta Pierre Bourdieu, e cujo contributo permite, na óptica do autor, compreender opções de consumo diferentes e/ou mesmo distintas. Cfr. PIERRE BOURDIEU, *La Distinction — Critique Sociale du Jugement*, Paris, Éditions de Minuit, 1972, pp. 189-248. Ver também CLAUDE e CHRISTIANE GRIGNON, para quem a construção social do gosto é também um tema caro, nomeadamente, "Styles d'alimentation et goûts populaires", in *Revue Française de Sociologie*, vol. XXI-4, Paris, 1980.

¹² J. MADUREIRA PINTO, *Ideologias: inventário Crítico dum Conceito*, Lisboa, Presença/GIS, 1978, pp. 111-113; PIERRE BOURDIEU e J.-C. PASSERON, *A Reprodução*, Lisboa, Vega, s.d., principalmente pp. 17-96; P. ANSART, *Les Sociologies Contemporaines*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, pp. 238-239.

¹³ DULCE MAGALHÃES, *Diferenciações Sociais entre Práticas Alimentares*, cit., pp. 10-11.

nico, quer a nível das próprias condições de vida. Lembre-se, por exemplo, a pertinência de três fenómenos de importância capital ocorridos em termos de progressão geométrica (atrever-nos-íamos a considerar), desde aproximadamente a década 60, no nosso país; referimo-nos aos fenómenos de urbanização, litoralização e terciarização da população relacionados com a intensidade dos movimentos pendulares" ¹⁴.

Tudo isto terá como corolário para alguns grupos sociais, não a melhoria das condições de vida aspirada e procurada, mas a sua restrição a *ilhéus periféricos* urbanos, consonantes com um estilo de vida também *periférico* no que respeita às exigências impostas pela modernidade. Assim, paralelamente à proliferação de cafés modernizados, centros comerciais com "praças de alimentação" ¹⁵ e sucedâneos, vão permanecendo espaços outrora eleitos como palcos por excelência no que respeita à possibilidade pública de comer e de beber — referimo-nos às tabernas — tratando-se, alguns deles, de resquícios de uma ordem tradicional. Outros, porém, vão sendo alvo de tentativas de readaptação como adiante explicitaremos. Repare-se estarmos perante a coexistência urbana — porque da urbe tratamos — numa lógica de dissolução *versus* conservação de espaços que vão persistindo no tempo com as suas lógicas próprias, os seus consumos próprios, e as suas gentes próprias.

Contudo, dadas as exigências da vida moderna — mudanças aceleradas com forte acuidade em espaço urbano —, assiste-se, por vezes, à reestruturação do espaço da taberna, multiplicando-se as suas lógicas de vivência subjacentes, não raro, à sobrevivência concorrencial. Isto é, a concorrência comercial entre estabelecimentos de alimentação pública (*comes e bebes*) tem vindo a adquirir contornos gritantes, uma vez que com as mudanças aceleradas que já tivemos ocasião de aludir, a *fidelidade da clientela* é posta em causa, devido a uma diversa gama de ofertas mercantis a preços mais concorrenciais, a novas preferências disponibilizadas e a espaços mais adequados e consonantes com a vida moderna, quer em rapidez de atendimento, quer em bem estar proporcionado, entre outros factores. Estas tendências implementam frequentemente mudanças estruturais em

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 11

¹⁵ Helder Pacheco entende mesmo a proliferação destes novos estabelecimentos como uma "ameaça" ao "nosso tradicional bom comer", dada a "despersonalização pelos gostos das comidas plastificadas, enlatadas, pré-cozinhadas, vitaminadas, tecnologicamente preparadas". HELDER PACHECO, *Porto*, Lisboa, Editorial Presença, 1984, p. 202.

espaços inicial e essencialmente de cariz tradicional, procurando-se, por vezes, adequar esses espaços — os que sobrevivem¹⁶ —, de alguma forma, às novas exigências da vida urbana moderna, ainda que, não raro, essa *mudança* se paute por uma inserção eclética de elementos. Veja-se que "(...) hoje em dia (...) misturam(-se) elementos díspares, do passado e do presente. As práticas e as representações sociais, conservando uma certa invariância através dos tempos, estão sujeitas ao movimento ondulatório característico dos fenómenos sociais, pelo qual se exprime o fluxo vital da vida societal"¹⁷ como refere A. Teixeira Fernandes, a propósito da desestruturação e reestruturação de que são palco as sociedades modernas¹⁸.

Concretizando, assiste-se a tentativas de adaptação às novas exigências impostas pelo desenvolvimento urbano, e que levam, por exemplo, o proprietário a adequar o espaço da taberna — por vezes exíguo — ao serviço de refeições (almoços e jantares) sem contudo perder a vertente inicial que viu nascer a casa — o *balcão*, as pipas, os copos, enfim, toda uma lógica *tabernal*, assumida com contornos visíveis em tempos marcadamente diferentes ao longo do dia.

Especificam-se, portanto, usos diferenciados do tempo e assentes em lógicas de apropriação do espaço também diferentes. A isto nos iremos referir, de outra forma, já de imediato.

¹⁶ "Nos princípios do século, com uma população de um terço da actual, o número daqueles estabelecimentos (os «comedeiros do Porto» — sítios onde se "come à moda antiga": tascos, adegas ou casas de pasto) era muito maior do que o do presente e, especialmente nas ruas centrais, contava-se por dezenas", in HELDER PACHECO, *cit.*, p. 202.

¹⁷ A. TEIXEIRA FERNANDES, "A mudança cultural na sociedade moderna", in *Revista da Faculdade de Letras*, Série de Filosofia, n.ºs 5-6, 2.^a série, Universidade do Porto, 1988-1989, p. 17.

¹⁸ A. Teixeira Fernandes, numa análise à representação do espaço, sistematiza algumas relações binárias, das quais destacamos como relevantes para a questão do espaço particular que aqui se trata, as seguintes: *interior-externo* e *privado-público*. Adequam-se a este contexto os seus contributos referentes às representações, usos e apropriação dum espaço que se vai fragmentando e re-estruturando em função de dinâmismos, (re)construções e (im)permanências sociais de que o urbano actual é palco. Cfr. A. TEIXEIRA FERNANDES, "Espaço social e suas representações", *cit.*, pp. 61-99. Paula Guerra, também discute as alterações provocadas actualmente no espaço urbano, com repercussões em vivências quotidianas, apropriações, interações, simbolismos e identidades. Cfr. PAULA GUERRA, "Tecido urbano actual: continuidade ou descontinuidade?", in *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, n.º 2, 1992, pp. 145-175.

3. Percurso pela Vitória com *estacionamento intermitente*

Chegou então a altura de referir o nosso estudo empírico, situado, muito embora, numa fase ainda inicial. Subjacente a este percurso está sempre a tentativa de ver adequar o enquadramento teórico de partida a uma situação concreta, pese embora a possibilidade, ou mesmo a exigência, de reformulação do *corpus* teórico que preside a este estudo.

Deste modo, começámos por dar um *passeio* pela freguesia da Vitória, na cidade do Porto, território eleito dada, ainda nos dias de hoje, a sua riqueza em espaços tabernais e casas de pasto com duas lógicas de funcionamento inerentes quer a apropriações da taberna quer a apropriações do restaurante.

O percurso à realidade da Vitória tem como objectivo a construção posterior de um modelo de análise que permita compreender o consumo do vinho em meios particulares no seu sentido mais abrangente, nomeadamente no que toca à emergência de tipos de sociabilidades, bem como o quotidiano que circunscreve esta prática social.

Foram então escolhidos seis espaços: três deles a funcionar como taberna e restaurante (designaremos por T+R) e outros três apenas como taberna (T).

Posto isto, começámos por *trabalhar* mais de perto e de forma mais intensiva apenas um destes espaços (T+R), cujas apropriações possíveis se caracterizam pela coexistência de duas lógicas: a lógica funcional (cuja função principal insere-se na satisfação das necessidades fisiológicas alimentares, e baseia-se, por conseguinte, no fornecimento diário de uma refeição rápida e satisfatória — almoço ou lanche — havendo uma contrapartida económica a favor do proprietário. Esta lógica, emerge já da tentativa de adequação dum espaço tradicional a exigências da vida moderna, e não alheias aos fenómenos de terciarização e feminização do mercado de trabalho a que anteriormente nos referimos) e a lógica lúdica (inserida essencialmente num tempo de lazer e mais consonante com a frequência do *balcão* onde as pataniscas e os petiscos atraem *ondas* de gentes passíveis de desencadear sociabilidades informais). Trata-se, portanto, de uma casa de pasto a funcionar a tempos diferentes, ora como restaurante, ora como taberna. Por motivos óbvios, não a vamos identificar, passando então a referi-la como a *Casa Estrela*. A nossa frequência à *Casa Estrela* foi espaçada mais ou menos por três dias de intervalo entre cada visita, daí designarmos a nossa interacção com este espaço específico, como um *estacionamento intermitente* num *passeio* pela Vitória.

Paralelamente foram decorrendo observações aos restantes espaços seleccionados, através de visitas curtas, muito mais espaçadas no tempo e menos numerosas. Refira-se neste contexto a dificuldade de entrada e aceitação nestes meios. Além de sermos estranhos no quotidiano das gentes habituais, por mais discretos que nos apresentássemos, não conseguimos evitar a *distância* defensiva imposta aos *não iguais*. Desta forma, fomos obrigados a abrandar o passo da investigação, frequentando, apesar de tudo, com certa regularidade a *Casa Estrela*, onde tínhamos o pretexto de aí poder almoçar. Finalmente fomos *aceites* como clientes *normais* (habituais)¹⁹.

Com isto pretendemos mostrar que estamos a trabalhar num espaço fechado, atravessado por quotidianos difusos e mesmo lógicas de vida diferentes e mesmo muito difusas, algumas das quais entroncadas em actuações quotidianas menos ortodoxas no que respeita a comportamentos (i)lícitos, facto que faz gerar à partida uma desconfiança perante indivíduos não pertencentes ao meio: *"E alguns [indivíduos] com práticas da vida que são um bocado duvidosos (...); Já tenho notado pessoas às vezes com... sacos, que... contêm umas coisas lá dentro, e isso para mim levanta uma certa suspeita. [Eu] não sei o que é. Até já me têm pedido para guardar coisas que eu recuso automaticamente. Pode vir a trazer... complicações para mim"* (Sr. Estrela).

3.1. O caso da *Casa Estrela*

Segundo o proprietário, a casa Estrela é uma casa de pasto que funciona com o restaurante nos tempos de almoço e de jantar e com o *balcão* nas outras horas do dia, registando-se aqui maior frequência a partir das

¹⁹ Apesar de não haver premeditação por parte do proprietário, foi notória tanto uma certa desconfiança inicial como a posterior aceitabilidade à nossa pessoa, o que nos permitiu avançar com alguma segurança para o segundo momento: a obtenção de uma entrevista. Nesta situação, e no fim da entrevista, quando a confiança já tinha ganho raízes, ele acabou por confessar: *"Quando a vi pela primeira vez, pensei cá comigo e até disse à minha mulher: Esta gaja (a menina desculpe mas às vezes a gente fala assim e não é para ofender) pensa que me engana. Ela deve ser fiscal das finanças, mas não sei o que procura. Depois achei que me tinha enganado, e que afinal era agente da polícia à procura de qualquer coisa. Eu sabia que não era nada comigo, mas... até que finalmente percebi que não era nada disso e que era apenas cliente e podíamos até ser amigos"*.

17:00 horas. Mas esta situação é vivida de igual forma nas outras duas casas T+R o que nos faz admitir uma determinante temporal neste tipo de estabelecimentos. A diferença a este nível, entre esta casa e as duas restantes, situa-se numa particularidade inerente à clientela: a *Casa Estrela* à hora do almoço *trabalha* (como diz o sr. Estrela) com universitários e trabalhadores que situaríamos, estes últimos, por excelência nas classes populares²⁰. O próprio proprietário assim os define: "*Às refeições é essencialmente pessoal do trabalho. São estudantes, pois, (...) e pessoal do trabalho, só. Só, a nossa casa é baseada nisso*".

Dos diversos momentos de observação por nós protagonizados, da entrevista que nos foi concedida e das conversas informais conseguidas, pudemos apurar o que a seguir se descreve.

1. Encontram-se essencialmente dois tipos de pessoas: alunos universitários essencialmente das Faculdades de Ciências, Bio-Médicas e Psicologia e classes populares. Os estudantes trajem habitualmente *jeans* e blusões; das classes populares fazem parte essencialmente indivíduos trabalhadores (não qualificados?), muitos dos quais das obras, envergando fatos de trabalho azuis ou roupa velha *enfeitada* com ferrugem e tinta — "*é pessoal das águas de saneamento que andam aqui na zona a fazer um serviço qualquer de obras (...), electricistas, (...) pessoal da construção civil também, andam aí numas obras...*" (Sr. Estrela). Os restantes apresentam-se com aspecto bastante discreto que vai do vestuário (bastante simples) à postura²¹; empregam-se no terciário e não apresentam qualificações nem laborais nem académicas.

²⁰ Por não possuímos dados mais concretos, é-nos impossível determinar de forma tão rigorosa quanto o exige o método científico a pertença de classe da população observada, motivo pelo qual iremos utilizar uma terminologia mais abrangente, uma vez que nesta fase este tipo de generalização não compromete o rigor deste estudo. Note-se que, segundo P. Bourdieu, "**a maneira de usar os bens simbólicos** e, em particular, dos que são considerados como atributos de excelência, **constitui uma das marcas privilegiadas da classe** ao mesmo tempo que o instrumento por excelência das estratégias de distinção". PIERRE BOURDIEU, *La Distinction*, cit., p. 70, citado por J. Machado Pais, c/7., p. 597, (os sombreados são nossos).

²¹ Nesta fase, foram-nos muito úteis "as diferentes significações" das "expressões corporais — de fachada e de estilo" de que nos dá conta Machado Pais. Segundo o autor (que o afirma noutra contexto que, no entanto, não deixa de ser paralelo a este) "há corpos com *charme*, dignidade, presença; e corpos pirosos, descompostos, desajustados. O hábito influi, obviamente, nestas posturas." J. MACHADO PAIS, *cit.*, p. 598.

A divisão sexual é bastante acentuada no que respeita às classes populares (quase nenhuma mulher) não se verificando o mesmo com os estudantes. Isso pode ficar a dever-se à inexistência de fábricas num raio aproximado. Repare-se na seguinte afirmação: *"próximo de mim não há assim fábricas, (...) dá impressão que não há assim muita mulher empregada aqui à volta de mim, (...) há mais armazéns e onde a maioria das pessoas que lá trabalha são homens (...) e as mulheres por tendência também não comem tanto fora. Vão a um café, a uma confeitaria. Comem um bolinho e... já ficam bem. São de uma alimentação mais reduzida do que os homens."*

São praticamente as mesmas pessoas que almoçam todos os dias tendencialmente à mesma hora e se possível no mesmo lugar, o que revela uma determinada apropriação do espaço.

2. Verifica-se que os dois "grupos" alimentam um óptimo relacionamento com o proprietário, sendo visíveis sociabilidades estreitas nomeadamente no que respeita aos universitários — o sr. Estrela vive os seus momentos de avaliação académica, preocupa-se com os seus sucessos, estando a par das exigências impostas pela academia. Existe mesmo uma certa cumplicidade entre ele e os estudantes, que conhecendo o sítio das loiças (copos, por exemplo), familiarmente colaboram ajudando a pôr a mesa, conforme se pode notar: *"Nós temos aí estudantas, raparigas não é, que são pessoas de família praticamente. Ou seja, não são da família mas que são iguais. (...) Elas entram (...), chegam aqui, cumprimentam a minha mulher, dão um beijo à minha mulher, e a mim é a mesma coisa e eles, rapazes, dão um beijo à minha mulher e enfim, como se fossemos suas famílias"*

Os restantes clientes, todos eles habituais, mantêm também sociabilidades de certa forma estreitas, pelo menos ao nível das aparências; a troca de palavras amenas e o tratamento pelo nome (proprietário/cliente e vice-versa) levantam pelo menos essa possibilidade registando-se ainda um prévio conhecimento da bebida habitual que acompanha a refeição. O proprietário gere com facilidade bem sucedida as sociabilidades entre a clientela (e esta com ele e sua família — mulher e filhas), conhece os seus hábitos preferenciais bem como os respectivos companheiros de refeição e previne à partida, lugar na mesma mesa quando alguém se atrasa. Note-se que, sempre que necessário, é o próprio proprietário que vai ajudando a decidir onde cada um se deve sentar. Tudo tem ar familiar, rotineiro e é interiorizado como *seu*, por parte de cada um dos clientes.

Contudo, os "grupos" não se relacionam entre si; regista-se uma aproximação premeditada entre iguais e distâncias relativamente aos demais. Os estudantes chegam em grupos, conhecem-se uns aos outros e habitualmente sentam-se no *outro* canto da pequena sala, junto dos seus pares, ainda que tenham de esperar de pé por uma vaga; quando muito, esperam que a *mesa popular* (com 10 lugares) vague, para se apropriarem dela. Os restantes indivíduos chegam sozinhos ou acompanhados (dois a dois). Quando chegam sozinhos procuram os seus *iguais* e se há lugar vago sentam-se juntos entabulando conversas que fazem supor sociabilidades estabelecidas há longa (?) data, nem que tenham sido *forjadas à mesa*, à hora da refeição. Se não se identificam e o espaço o permite, deixam uma cadeira de intervalo. Os relacionamentos são apenas entre os pares. Não há misturas de sociabilidades, ainda que por acaso, se sentem à mesma mesa (*mesa popular*). Em princípio, até no espaço as diferenças são salvaguardadas.

3. Como se pode verificar, estamos perante um determinado **uso do espaço**, já que este não é apropriado da mesma maneira, evidenciando, de forma significativa, exteriorizações comportamentais diferenciadas.

Seja como for, a apropriação é demarcada consoante os "grupos" que não se misturam. No que respeita à própria decoração da sala, e a provar a apropriação real do espaço por parte dos universitários, salta à vista uma espécie de coluna *depositária* de uma série de auto-colantes alusivos à universidade. Todos se *mexem* com muito à-vontade principalmente quando inseridos no meio dos seus pares, deixando transparecer que o espaço é seu — pertencem à família (cabendo, muito embora, pelo menos duas famílias distintas, tendo como ponto comum o sr. Estrela — proprietário). Um *estranho* à mesa pode ser um factor inibidor da rotina e portanto comprometedor do ar familiar (de *seu*) referido anteriormente. As conversas são amenas no decurso da refeição, que não carece de gestos refinados. Os gestos são espontâneos, *não preocupados* nem reveladores de etiquetas. Repare-se que, muitos há que comem directamente da travessa, dispensando o prato. Cada pedaço da casa é um pedaço seu, fazendo já parte ou parecendo fazer parte da sua própria história de vida.

4. Os clientes consomem um dos pratos da ementa auto-consultada. Os preços dos pratos variam entre 350\$00 e 550\$00 e a grande maioria opta pelo prato mais económico. Os estudantes bebem água e os outros, vinho, (meia (?) caneca de tinto ou branco, conforme as preferências (gosto) e não conforme as etiquetas). Consomem ao ritmo normal com que se faz

uma refeição de almoço, não prolongando mais do que o necessário; vão conversando enquanto se alimentam, e por vezes animadamente, sem altear demasiado o tom de voz, muito embora tendam a "*operar um bocadinho o som*". Quanto à postura à mesa dir-se-ia *normalizada*, sem cair em cuidados, refinamentos ou etiquetas.

Quanto ao motivo do consumo, o uso do restaurante pareceu-nos primeiramente e por excelência funcional, existindo, para além disso a possibilidade de forjar/alimentar sociabilidades nomeadamente entre pares. Ficou nítido, que o uso deste espaço a esta hora não se fica a dever nem a mera ingestão de bebida (vinho) *per se* nem para fugir à solidão, já que a duração no local não é prolongada para além do tempo necessário para se tomar uma refeição. Além disso, porque a alimentação é necessária e o preço da refeição é económico, e talvez o ambiente seja agradável já que proporciona *apropriação académica* (no caso dos estudantes) e *funcionalidade* com possibilidade de sociabilidades nem que sejam fugazes, por parte dos outros clientes, encontram neste espaço o cenário eleito para a hora do almoço no seu quotidiano.

5. À hora do almoço o *balcão* encontra-se com menos movimento, excepto, *à posteriori*, para se efectuar o pagamento do almoço (não se realiza nas mesas mas sim ao balcão). De vez em quando entra uma ou outra pessoa, às vezes mulheres, para comprar vinho avulso, levando consigo uma garrafa vazia que é cheia com vinho retirado da pipa. Mais tarde apurámos tratar-se de uma prática antiga, dos velhos ("*com mais de 40 anos*", segundo o proprietário) dado o vinho vendido naquela casa ser de "*muito boa qualidade e muito mais barato que o engarrafado*". Mas essa prática não se estende aos mais novos, estando pois a cair em desuso.

3.2. O lado de cá do balcão

Ficou claro que balcão *vive* a horas distintas das votadas à refeição. E *vive* também com população diferente. Pode dizer-se que o nosso *passio* pelos seis *balcões* foi rico em constatações e (re)formulações²².

²² Além das já referidas observações *in loco*, e de alguma informação conseguida na entrevista obtida, foram-nos muito úteis algumas conversas informais *casualmente* proporcionadas.

1. Aqui a *distância* ao meio é mais fortemente marcada, fazendo realçar com maior nitidez o binómio inclusão-exclusão. Ressalta assim a desconfiança com que os *incluídos*, quase com direito a apropriação exclusiva do espaço, recebem os estranhos ao meio — os *excluídos*. Aqui os *incluídos* são os eleitos. Como refere J. Machado Pais, "a proscricção social exercida assegura, entre os «eleitos» uma intimidade quase familiar (...)" ²³. Com efeito, a nossa presença foi imediatamente notada em todas as situações, tendo sido claramente perceptível uma distância imposta relativamente à intromissão de estranhos num espaço alheio ²⁴.

Predominam gentes com diferentes condições perante o trabalho — reformados, trabalhadores ²⁵ (classes operárias e serviços), desempregados, destacando-se os permanentemente dos pontualmente desempregados: "O *desempregado que é aquele desempregado que também não quer ser empregado (...)* [e] *aquele desempregado que por qualquer motivo teve azar (...)* mas está sempre à espera que surja uma coisa e até faz biscatos" diferencia o Sr. Estrela.

2. A hora eleita para a frequência do balcão muda consoante o tipo de cliente. Assim, se até às 17:00 horas aproximadamente os clientes são essencialmente *populares* e reformados, apresentando-se trajados de forma muito simples e discreta e com boné (os mais velhos, com cerca de 50 anos e mais), das 17:00 horas às 19:00 horas aproximadamente, o público apresenta-se mais difuso e heterogéneo, devido à frequência do mesmo espaço por parte de trabalhadores, sendo uma boa parte dos serviços. Parece ²⁶ exceptuar-se a esta constatação apenas uma das tabernas observadas (a *Grade*) devido à sua inserção num meio social cuja procura de "vivências por expediente" (pouco ou nada ortodoxo) quase que faz regra.

²³ J. MACHADO PAIS, *cit.*, p. 595.

²⁴ A demarcação social de que inicialmente fomos alvo não impediu, contudo, o nosso *passeio** atenuando-se, por vezes, na fase final de cada *visita*. Vimos assim o primeiro impacto atenuar-se pela *indiferença* com que aparentemente(?) fomos votados ao *esquecimento*, apenas posto em causa pelos alhares fugazes com que de vez em quando éramos *presenteados*. Não podemos afirmar que a barreira imposta tenha sido totalmente ultrapassada nesta fase. No entanto, não nos impediu uma primeira aproximação a um espaço masculino e de entrada ehraizadamente resguardada ou quase.

²⁵ Tal como já foi referido anteriormente, por uma questão metodológica, justifi cada neste momento pela inexistência de outras técnicas de análise mais consistentes, iremos agrupar os clientes em (i) populares e em (ii) pessoal dos serviços.

²⁶ É com alguma cautela que o afirmamos, dada a fase ainda inicial deste estudo.

3. O balcão é frequentado essencialmente por homens que se apropriam do espaço de forma diferente, consoante a sua condição social e a hora de frequência. Revelam-se deste modo diferentes lógicas de apropriação do espaço: (i) uso funcional e utilitário e (ii) uso social e lúdico. Assim, por uso funcional e utilitário entendemos o uso que se prende com o lanche, tomado apressadamente e enquanto satisfação de necessidades fisiológicas, registando-se um relacionamento circunstancial, passageiro e também funcional quer com o proprietário quer com os demais clientes, não se registando qualquer outro tipo de laços entre um e outros; estamos, portanto, perante sociabilidades fluídas, transitórias e inconsistentes sendo dominantes no caso dos trabalhadores dos serviços. No que refere ao uso social e lúdico — preponderante no caso dos populares regista-se uma apropriação do espaço marcada pela tendência para fortes sociabilidades já enraizadas e entretecidas de longa data, e onde o consumo é prolongado. Nestes casos, e quanto à forma de estar, uso e apropriação do espaço, a postura característica é de descontração. A apropriação do espaço pelos clientes é total (cada pedacinho do chão é perfeitamente *seu* — de cada cliente, cuja frequência, ficou claro, é habitual), limitada, no entanto, pelo balcão que serve apenas de fronteira espacial²⁷ e não como elemento de distância (social) entre clientes e proprietário, isto é, o balcão serve apenas como *encosto* dos corpos, diríamos mesmo depositário dos corpos, e não como separador ou distanciador entre clientela e proprietário que se integra no "grupo" formado pela clientela, distinguindo-se apenas por se situar atrás do balcão e servi-los. Tudo isto tem reflexos no relacionamento nitidamente estreito entre proprietário e clientela; não raro, o proprietário bebe cerveja ou vinho enquanto participa na conversa dos clientes.

Por conseguinte, a apropriação do espaço apresenta-se como se fosse um prolongamento dos próprios clientes e onde cada pedaço faz parte do quotidiano da clientela, senão mesmo do próprio corpo. A este tipo de *vivência* opõe-se a dos trabalhadores dos serviços, que não parecem esboçar sociabilidades muito fortes, reflectindo-se *à posteriori* no tipo de apropriação do espaço que se nos apresentou *alheio ao corpo*.

4. Os mais velhos (50/60 anos e mais) consomem, de preferência, vinho servido em copos. Os mais novos (aproximadamente 40 anos e menos), independentemente da sua condição social, consomem por exce-

²⁷ O balcão marca o limite físico da apropriação do espaço permitido à clientela. Note-se que os limites simbólicos são outros, e desses não trataremos aqui.

lência cerveja. Ambos os casos, vinho ou cerveja, acompanham por vezes sandes de queijo ou ovo, pataniscas ou petiscos vários — tipo de lanche "à moda antiga" que ainda prevalece "(...) nas adegas, e tascas, depois das seis. o naco de presunto e queijo, a sardinha de cebolada ou o fígado acompanham o copo de tinto ou a cerveja" ²⁸.

Nota-se desde já uma substituição da procura do vinho pela procura da cerveja, por parte de uma população, principalmente mais jovem, que segundo o Sr. Estrela "*já cresceu a gostar mais de cerveja do que do vinho*" ²⁹. Além disso, "*a sociedade que tava mais habituada, que foi criada a beber o vinho vai acabando*", acrescenta o entrevistado.

Consumem de pé: os dos serviços, apressadamente, para se retirarem, quando muito (mal) alimentando uma conversa meramente de circunstância; os restantes sem pressas, prolongando a sua permanência, conversando animadamente e mal olhando para o que comem. Recorrem a gestos vivos e espontâneos para enfatizar a conversa.

4. Reflexões finais

Pese embora a fase ainda *embrionária* deste estudo, foi nosso intuito tentar perceber de que forma, no mesmo espaço, se concretizam apropriações várias, consonantes com tempos de usos específicos e articulados de forma (bem?) orquestrada com o desenrolar *espontâneo*[?] de tipos de sociabilidades com que o quotidiano patenteia os agentes sociais.

Assim, admitimos algumas razões subjacentes aos motivos que norteiam o consumo. E deixando de lado o caso dos trabalhadores dos serviços, cujo motivo, já referido, nos pareceu óbvio — satisfação das necessidades fisiológicas — cingir-nos-emos às classes populares, já que, tudo o indica, o(s) seu(s) consumo(s) assenta(m) em pilares sociais diferenciados. Desta forma admitimos como possíveis razões de consumo o próprio acto de beber (gosto, hábito, vício), a procura de convívio, a fuga à solidão e ainda a *herança* familiar. Procurámos perceber se uma delas seria a mais determinante, tendo, no entanto, presente a fragilidade entre as suas fronteiras, já que praticamente se recobrem umas às outras. Assim, pareceu-nos mais evidente presidir a esta prática inscrita no quotidiano, a convivialidade

²⁸ HELDER PACHECO, *cit.*, p. 205.

²⁹ Neste momento, e de forma bastante concreta, somos remetidos para a questão relativa à construção do *habitus* de classe e do gosto, alicerçados pela e na trajectória (social) de vida, por um lado, e alicerçantes da própria trajectória, por outro lado.

espontânea e fácil, proporcionada neste terreno fértil, independentemente de com quem se convive. É óbvio que as restantes razões estão também fortemente presentes; contudo, se é verdade que a bebida, o vinho pode ser ingerido no espaço doméstico, seja ele qual for, parece-nos, face ao observado, estar perante o consumo de... como pretexto para fugir à solidão. Se juntarmos a tudo isto o facto de ser habitual em alguns destes locais (a Grade, por exemplo) os clientes juntarem-se no espaço que circunscreve a taberna, para conversar e conviver (*matar o tempo*), nomeadamente a terceira idade e os desempregados permanentes, e ainda o facto de estarmos perante uma característica urbana reveladora de fortes tendências para a desintegração e solidão das populações, admitimos nesta fase da pesquisa, e dada a gregaridade de que goza o agente social, que estes espaços sobrevivem ainda, e com contornos bem visíveis assentes na procura cada vez mais restringida, de laços, de sociabilidades, que ainda, e apesar de tudo, vão sendo possíveis *ao lado do balcão*.

Independentemente do (mau?) uso que se faz do vinho/cerveja, admitimos a hipótese de que os casos mais contundentes estejam mais marcados por uma fragilidade familiar no que respeita a laços sociais e a sociabilidades estreitas, o que leva a transferir a sua procura para locais públicos e dentro destes para os mais familiares — a taberna — fechando-se assim o circuito de actuação social quotidiana. Na opinião do nosso entrevistado, "*O pessoal do balcão vem porque enfim, tem o desejo de beber uma cervejinha, beber um copinho e é capaz de se sentir melhor bebê-lo cá fora do que em casa, mas depois há a convivência; ele em casa por vezes está sozinho, porque a mulher trabalha e enfim, não há uma pessoa com quem ele goste de conviver, assim, para se distrair... vêm à procura de amigos e acabam por passar aí um bocado.*" Não fica, no entanto, eliminada a constatação forte, de excessos indevidos relativamente ao álcool. Por exemplo, alguns clientes têm *'fraca formação, mau ambiente em casa (...) dão-se mal com a família. E depois alguns desaguam a beber umas cervejitas e isso não conduz a nada e depois (...) por vezes há falta de respeito.*"

Para finalizar, diríamos que foi aqui abordada, e de forma preliminar, apenas uma vertente enquadrada no(s) consumo(s) quotidiano(s) oferecidos e procurados na taberna. Não percamos, portanto de vista, este contexto actual, de vivência plural e multifacetada, apreendida nas práticas, consumos e opções dos indivíduos.